

A INCLUSÃO DE CEGOS NO PROGRAMA GENTE EFICIENTE

THE INCLUSION OF BLINDS IN THE EFFICIENT PEOPLE PROGRAM

Fabiane Soares da Silva¹

Zuleica de Souza Florentino²

Resumo

O presente artigo tem como tema a inclusão de cegos no Programa Gente Eficiente, uma vez que 14 deficientes visuais tiveram atendimento em uma rede municipal. O objetivo central deste trabalho é evidenciar as possibilidades de inclusão do grupo, fazendo com que se sintam pertencentes a sociedade, sendo estimulados a exercerem sua cidadania. Como procedimento metodológico para essa pesquisa de caráter descritivo, foi utilizado fontes em recursos bibliográficos, virtuais, e relato da prática vivida com os atendidos. Pretende-se com isto alcançar como resultados a ampliação do conhecimento dos alunos realizando sua conexão com o mundo através do Braille, promover a independência e autonomia, estimular habilidades sensoriais que facilitem a percepção de mundo no qual estão inseridos. Acredita-se que dessa forma possamos colaborar para evidenciar as habilidades desses deficientes resgatando autoestima e capacidades.

Palavras Chaves: Inclusão; Cegos; Conhecimento.

Abstract

This article has as its theme the inclusion of blind people in the Efficient People Program, since 14 visually impaired people were terminated in the municipal network. The central objective of this work is to highlight

1 Pedagoga, Pós-Graduação em: Docência do Ensino Superior (UFRJ); Gestão Administrativa (Faculdades Dom Bosco); Gerontologia (La Salle) e Deficiência Visual (UNIASSELVI). Docente e orientadora pedagógica na Prefeitura Municipal de Resende. E-mail: fabiane_ssilva@yahoo.com.br

2 Psicopedagoga (Faculdades Dom Boco), Pós-Graduação em Educação Inclusiva (UBM) e Neuropsicopedagogia (Instituto Salesiano). Coordenadora do Programa Gente Eficiente. Docente e orientadora pedagógica na Prefeitura Municipal de Resende. E-mail: zuleicaflorentino@yahoo.com.br

the possibilities of inclusion of the group, making them feel belonging to society, being stimulated to exercise their citizenship. As a methodological procedure for this descriptive research, sources were used in bibliographic resources, virtual, and report of the lived experience with those attended. The aim is to achieve as results the expansion of the students' knowledge by realizing their connection to the world through Braille, to promote independence and autonomy, to stimulate sensorial abilities that facilitate the perception of the world in which they are inserted. It is believed that in this way we can collaborate to highlight the abilities of these handicapped people rescuing self-esteem and abilities.

Keywords: Inclusion; Blind; Knowledge.

Resumen

Este artículo tiene como tema la inclusión de personas ciegas en el Programa Gente Eficientes, ya que 14 personas con discapacidad visual fueron asistidas en una red municipal. El objetivo principal de este trabajo es resaltar las posibilidades de inclusión del grupo, haciéndoles sentir que pertenecen a la sociedad, siendo alentados a ejercer su ciudadanía. Como procedimiento metodológico para esta investigación descriptiva, utilizaron fuentes en recursos bibliográficos, virtuales, y informe de la experiencia vivida con los atendidos. El objetivo es lograr como resultado la expansión del conocimiento de los estudiantes al hacer su conexión con el mundo a través del Braille, promoviendo la independencia y la autonomía, estimulando las habilidades sensoriales que facilitan la percepción del mundo en el que se insertan. Se cree que de esta manera podemos colaborar para resaltar las habilidades de estos discapacitados rescatando la autoestima y las capacidades.

Palabras clave: inclusión; Personas ciegas; Conocimiento.

Introdução

Uma sociedade inclusiva, com valores de igualdade e oportunidades para todos, pode parecer um raciocínio utópico, mas é fundamental pensar dessa maneira a fim de possibilitar a pessoa com deficiência visual o direito a uma vida participativa.

O presente estudo mostrará a partir de um breve histórico que a humanidade preconiza a ideia de deficientes visuais serem considerados inúteis, inferiores, sem capacidade de aprender.

Com o avançar dos séculos, as publicações também nos apontam diversas particularidades e diferentes formas de como cada sociedade histórica percebe este tipo de deficiência.

É essencial que a sociedade perceba que o cego apesar de não enxergar, possui capacidades, necessidades e oportunidades como qualquer outro indivíduo. O fator deficiência não pode

ser considerado incapacitante para qualquer faixa etária. Recursos, estímulos e possibilidades são mecanismos primordiais no trato de qualquer deficiência.

Pretende-se com este artigo colocar algumas dificuldades encontradas pelo deficiente visual no convívio em sociedade, destacando seu ingresso no Programa Gente Eficiente, situado na cidade de Resende, RJ, tem por finalidade oferecer serviços educacionais a crianças, jovens e adultos com deficiência, promovendo oportunidades de inclusão no campo de trabalho, no meio social, fazendo com que eles possam ter o direito à prática esportiva, lazer e atividades sócio culturais. Oferecendo atendimento multiprofissional as pessoas com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento.

Os argumentos colocados no corpo deste estudo foram embasados teoricamente por autores e especialistas no assunto, a partir de uma linguagem de fácil entendimento, ressaltando questões que incluem o conhecimento sobre cegueira, raízes históricas da deficiência, a linguagem do preconceito, o método Braille e a trajetória para inclusão do deficiente visual na sociedade como compromisso político social.

O processo realizado desencadeou-se através de pesquisa bibliográfica, por meio de levantamento analítico, consulta a artigos na internet, além de descrição e relatos da prática aplicada aos 14 deficientes visuais inscritos no Programa Gente Eficiente.

Discussão Teórica

A evolução da educação inclusiva no Brasil caminha a passos lentos. Mas muito tem sido feito para que esta imagem seja mudada, porém muita resistência também tem sido encontrada.

Ao longo da história, por volta do século XVII, não apenas no Brasil, mas em diversos países, os cegos eram totalmente excluídos da sociedade, sendo considerados inúteis inferiores e sem capacidade para aprender. Com o passar do tempo veio à necessidade da educação para os cegos que eram feitos em asilos, até que em 1786 surgiu a primeira escola para cegos.

As primeiras instituições particulares e públicas eram residenciais, influenciadas pelo modelo europeu. O que se pretendia com isso era que os cegos tivessem oportunidades de estudar em uma escola que atendesse suas necessidades, dessa maneira ele estava amparado, mas não tinha direito a participação na sociedade.

Até recentemente, em grande parte dos países, o movimento teórico dominante relativo ao atendimento educacional as crianças, adolescentes, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais recomendava ações educacionais que privilegiavam a organização de salas especiais nas instituições escolares, separando tal população dos demais alunos. Essa tendência que já foi senso comum no passado reforça a separação/segregação de indivíduos que, em sua esmagadora maioria, podem e, mais do que isto, devem conviver integralmente aos demais alunos vindo ao encontro da nova visão de sociedade, ou seja, uma sociedade que deve estar preparada para oferecer oportunidades iguais para todos, quais quer que sejam suas diferenças (Conselho Estadual de Educação nº 12/99, p.1).

O direito à educação para todos os brasileiros foi estabelecido na Constituição de 1824, à época do Brasil Império. As Constituições brasileiras de 1934, 1937 e 1946, da mesma maneira, garantiam a todos o direito à educação. Institucionalmente, a Educação Especial no Brasil, só teve espaço há pouco mais de cinco décadas. Foi na LDB 4024/61, que a Educação Especial apareceu pela primeira vez, enquadrando-a na educação geral. Na lei 5692/71, apareceu assegurando atendimento especializado aos necessitados de educação especial. Conforme afirma Souza (1999):

Entretanto é primordial que todas as ações que apontem para a inclusão de pessoas com necessidades especiais, sejam bem respeitadas. É preciso proceder uma avaliação responsável quando se levanta a bandeira da inclusão de pessoas que historicamente foram e ainda são excluídas da sociedade, praticamente em todas os segmentos. (Souza, 1999, p. 11)

Hoje, almeja-se que a educação do deficiente visual deve ser um direito garantido nas escolas regulares e não somente em classes especiais. A inclusão deve ser estimulada, porém, ao se democratizar a educação é preciso propiciar a todos o acesso e a permanência na escola, independente de sua condição física.

Dessa forma, nosso sistema educacional precisa saber não só lidar com as desigualdades sociais, como também com as diferenças, respeitando o indivíduo e suas especificidades garantindo além do acesso, a permanência e a qualidade do ensino que é oferecido.

Garantir o ensino do sistema de comunicação em Braille para este deficiente é a principal via de comunicação que lhe dará acesso à construção do seu conhecimento. Pois, é através desse sistema que o cego se conectará ao mundo, uma vez que a partir da leitura e escrita desse código Universal de Leitura Tátil e Escrita, ele poderá exercer plenamente sua cidadania.

Louis Braille inspirou-se no sistema de comunicação Barbier, denominado escrita noturna, pois era composto da combinação de doze pontos que serviam para a transmissão de mensagens escritas durante a noite, nos acampamentos de guerra.

Braille reduziu seu sistema para seis pontos em relevo, colocados verticalmente no espaço em duas colunas de três pontos, denominados como celas (ou células), assim organizados: os seis pontos formam sessenta e três combinações diferentes, as quais representam as letras do alfabeto, vogais acentuadas, sinais de pontuação, numerais, símbolos matemáticos, químicos e as notas musicais.

Para uma leitura rápida e eficiente, os pontos em relevo devem ser precisos, com caracteres bem delineados, com dimensão adequada às pontas dos dedos, permitindo boa identificação e discriminação dos símbolos Braille. Esse sistema de percepção tátil possui várias peculiaridades, sua apresentação, movimentos de leitura e escrita diferenciados, podendo ser produzido de várias maneiras entre elas destacam-se as mais utilizadas:

O primeiro instrumento de escrita utilizado por pessoas cegas é a reglete e o punção (espécie de lápis) para escrever o Braille. Esse material está obsoleto e os cegos desta geração nem conhecem mais.

Mais rápida prática e fácil é a máquina de datilografia Braille, que é constituída basicamente por seis teclas, correspondentes aos pontos da cela braille. São três teclas do lado direito e três do lado esquerdo. O toque simultâneo das teclas produz a combinação dos pontos em relevo, correspondendo ao símbolo elaborado.

O braille produzido por meio da máquina Perkins Braille ou de impressoras Braille de última geração tecnológica é de ótima qualidade de impressão (disponível em <blog.brasilacademico.com>. Acessado em outubro de 2018).

A experiência concreta é importante desde os estágios iniciais do desenvolvimento humano e servirá para que o deficiente visual alcance níveis abstratos de pensamento e essas podem ser estimuladas através da ludicidade, jogos simbólicos e brincadeiras (Bruno, 1997).

O autor defende ainda, que é preciso considerar que o sentido visual é responsável pelo comando, antecipação e coordenação dos esquemas de assimilação. O olho guia a mão.

Quando se trabalha com o deficiente visual é importante que este receba apoio de experiências significativas e de pessoas que sejam intermediárias das informações necessárias ao seu desenvolvimento. Recursos que os ajudarão devem ser utilizados desde a mais tenra idade, pois, serão facilitadores do processo de aprendizagem.

As atividades lúdicas como jogos pedagógicos, pesquisa do meio, atividades artísticas e esportivas, entre outras favorecem a leitura de mundo ao deficiente visual, assim como a literatura, amplia suas experiências, aprendizagem e aquisição de conhecimento.

Quando o indivíduo não recebe apoio adequado pode sofrer restrições à capacidade de movimento livre, seguro e a confiante dela com o ambiente, com o outro, podendo ocasionar limitações, até mesmo para sua interação em sociedade.

A utilização de mobiliário adequado como mesa de tampo removível ou porta texto para atividade de leitura são elementos fundamentais no auxílio do desempenho das atividades pedagógicas.

A inclusão do deficiente visual ou o cego na escola ou em qualquer instituição, não pode estar atrelada apenas ao ato da matrícula ou inscrição, deixando este aluno sem nenhum apoio ou atenção. Pois, agindo assim, o que se fez foi apenas à inclusão física. *A luta pelo acesso aos direitos é uma constância no cotidiano dos deficientes* (Rocha, 1987, p.208).

A verdadeira inclusão do deficiente visual implica na preocupação com o seu bem estar. Muitas das vezes ele é visto como uma pessoa que possui uma falta, enquanto deveria ser visto como uma pessoa em busca de sua cidadania, que luta pelos seus direitos.

A Declaração de Salamanca de 1994 preconiza que a educação inclusiva é um direito que os alunos com deficiência têm constituído no sistema educacional e institucional.

As instituições, sociedade, família e governo precisam assumir o compromisso da verdadeira inclusão. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), em seu artigo 59 define que:

Os sistemas assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderam atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em nos tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade

de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (LDB, 9394/96).

A pessoa com deficiência precisa ter seus direitos e deveres garantidos na legislação. Uma vez que é necessária eliminação de barreiras e obstáculos nas vias públicas para facilitar o movimento, dando segurança e garantindo a autonomia, aos sujeitos com mobilidade reduzida. Além de mecanismos e técnicas alternativas que possibilitem a comunicação e sinalização à este público, dando acesso a informação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Através do entendimento de que essas legislações se apliquem as pessoas com diferentes deficiências, busca-se neste trabalho estudar as dificuldades e os obstáculos enfrentados pelos cegos, nos espaços sociais.

Cabe ao profissional que irá atuar neste segmento, encorajar seu grupo de trabalho a participar de atividades que envolvam o reconhecimento do espaço, desvio de obstáculos, explorando seu entorno. Tais desafios irão proporcionar maior segurança para quando encontrar obstáculos em seu caminho e, conseqüentemente, irão favorecer sua autoconfiança e ajudá-la a ser decisiva e independente. O indivíduo precisa sentir-se seguro para passar ao nível cognitivo mais elevado.

É na verdadeira inclusão nos diversos setores que o deficiente poderá ter as mesmas oportunidades que as demais tendo oportunidade de aprender e conviver em grupo, realizando trocas de experiências em igualdade de condições.

Resultados Alcançados

O Programa Gente Eficiente não tinha em seu quadro de alunos, pessoas com deficiência visual. No ano de 2017 foi proposto o desafio para realizar um trabalho com o grupo de cegos que estavam sem atendimento na rede municipal. Eles perderam a visão ao longo da vida, por inúmeros motivos e se encontravam desmotivados para realizar tarefas cotidianas.

Diante disso, foi necessário preparar o local para recebê-los, no que diz respeito à

acessibilidade, promover o ensino do código Braille, Orientação e Mobilidade (OM) e inseri-los nas demais oficinas que o Programa oferece respeitando o centro de interesse de cada um.

Além disso, a professora destinada ao atendimento do grupo se matriculou num curso de Pós-Graduação em Deficiência Visual, fez treinamento especializado no Centro Educacional de Deficientes Visuais no município, e em fevereiro de 2018 foi iniciado o trabalho com 11 pessoas com cegueira e 03 deficientes visuais.

Este grupo é bem heterogêneo, composto de senhoras acima de 65 anos, pessoas entre 40 e 50 anos, um jovem de 19 anos e outro com 36 anos. Existem ainda alguns participantes com déficit cognitivo.

A partir do trabalho desenvolvido foi-se percebendo o caminhar de cada participante do grupo. Havia uma grande diversidade de interesses. Uns pretendem se preparar para retornar ao mercado de trabalho, outros querem apenas um espaço de convivência onde possam ter atividades sociais, recreativas e de lazer, pois, dizem estar com muita idade para aprender algo novo. Tem ainda, aqueles que não tinham noção de que poderiam ser capazes de conhecer e experimentar com êxito uma nova proposta.

O Programa oferece oficinas de artesanato, informática, dança, teatro, xadrez, educação ambiental, atividades físicas, recreativas, iniciação a musicalização e percussão. As oficinas pelas quais eles optaram para participar foram: artesanato, ensino do Braille, informática, psicomotricidade, orientação e mobilidade.

Com os resultados obtidos alguns alunos já estão dominando o Braille e trabalhando com o sistema DOSVOX com bastante desenvoltura. Caminham no entorno da instituição explorando o espaço, se orientam corretamente para atravessar a rua, utilizando os códigos de autoproteção, reconhecimento e rastreamento. As senhoras se destacam no artesanato e em produções com habilidades manuais e ainda estão dentro dos seus ritmos aprendendo o Braille.

Mesmo os dois alunos que apresentam déficit cognitivo, já conseguem dominar alguns procedimentos iniciais do aprendizado do Braille. Para eles, tudo é proposto com ampliação e muita ludicidade a fim de despertar o interesse e mostrar a capacidade deles em aprender a solucionar pequenos desafios.

Com o objetivo de ilustrar as afirmações acima, destacaremos algumas falas dos participantes sobre as impressões do trabalho desenvolvido, seu grau de satisfação, suas perspectivas para continuidade do trabalho.

Participante 1 – Sexo feminino, 67 anos, cega há 10 anos:

Eu ficava em casa, sem ocupação, não participava de nenhum grupo social, indo, apenas quando me levavam as missas de domingo. Cheguei a entrar num quadro depressivo. Quando cheguei ao Programa inicialmente, fui bem resistente a participar de muitas das atividades propostas. Porém, o carinho e acolhimento de todos, amigos, profissionais e familiares, fizeram com que eu aos poucos fosse participando e me interessando pelas atividades. Hoje frequento todas as tardes, faço oficina de artesanato, fui a vários passeios (clubes, cinemas, teatro...), e quando preciso faltar sinto muita falta. Pois, hoje pertença a um grupo, tenho amigos, com os quais me relaciono dentro e fora do programa.

Participante 2 – Sexo feminino, 76 anos, baixa visão

Estar no Programa mudou muito minha rotina diária. Hoje, faço artesanato, participo da roda de conversa, tenho atendimento psicológico, muitos amigos. Vejo que ainda sou privilegiada pois, tenho um resíduo visual que me permite ter um pouco de autonomia e ajudar até aos meus colegas a se locomoverem. Conheci lugares que não imaginava através dos passeios que foram proporcionados no Programa.

Participante 3 - Sexo feminino, 56 anos, baixa visão

Eu gosto de ir ao Programa compartilhar lanches que preparo, pois adoro cozinhar, tenho muito carinho pelos meus amigos e sempre que possível levo gostosuras para eles. Estou aprimorando meu aprendizado no Braille e minha mobilidade o que está me dando liberdade para ir a alguns lugares perto de casa sem a ajuda de outra pessoa. Pretendo assim que desenvolver mais arrumar um serviço por meio período.

Participante 4 – Sexo masculino, 42 anos, cego

Fiquei cego a 2 anos, motivo pelo qual sai da capital e vim morar no interior, me senti muito deslocado, pois não conhecia ninguém a não ser os familiares. Minha dificuldade maior está em me locomover e fazer um mapa mental dos lugares onde necessito conhecer para ter maior autonomia e voltar para minha cidade. Tive facilidade para aprender o Braille e já consigo ler frases, caixas de remédio e livros

infantis. Meu objetivo é aprimorar a mobilidade e tentar retornar ao mercado de trabalho.

Participante 5 – Sexo masculino, 43 anos, cego

Moro numa cidade que fica a 40 km de distância do Programa, participo das atividades propostas somente às terças e quintas feiras por causa do transporte. Estou me aperfeiçoando no Braille e me locomovo muito bem para todo lugar, pois o município onde moro possui apenas 2,5 mil habitantes e todos me ajudam no comércio local e em casa. Quero agora aprender a mexer no computador para me comunicar através da internet e conhecer outras pessoas.

Participante 6 – Sexo masculino, 31 anos, baixa visão

Passei por sérios problemas de saúde, enxergo apenas vultos com o olho direito, sendo cego do esquerdo. Tenho pouco estudo e bastante dificuldade para aprender o Braille, mas estou me esforçando e já sei o alfabeto. Tenho facilidade de locomoção, quero aprender o Dosvox, pois gosto muito de computador. Participo da oficina de educação ambiental, artesanato e banda. Frequento o Programa diariamente em horário integral e já fiz alguns amigos apesar de ser muito tímido.

Participante 7 – Sexo masculino, 19 anos, cego

Nasci cego, tenho mais dois irmãos que também são cegos e outro que é baixa visão. Não tive sucesso na escola e por isso não sei ler, nem escrever. No programa aprendi a usar a bengala, fiz muitos amigos e sou o melhor aluno da banda, toco caixa. Gosto muito de estar aqui todos me trata bem, faço passeios, brinco com meus colegas, gosto dos professores e vou começar a fazer judô e capoeira também. Corro com o professor me guiando para treinar e competir.

Participante 8 – Sexo feminino, 44 anos, cega

Essa participante apresenta além da cegueira, deficiência auditiva e intelectual

moderada. Sua mãe é extremamente presente e a auxilia em todas as atividades. Ela é muito alegre, adora participar de tudo que é proposto e suas maiores habilidades são no artesanato e dança. Segundo a mãe todos os dias bem antes do horário de ir ao Programa ela manifesta interesse em se arrumar e esperar o transporte. Já conseguiu assimilar as vogais e seu nome em Braille. A meta de trabalho com ela será proporcionar mais autonomia para se locomover sem o auxílio da mãe e participar das atividades também.

Participante 9 – Sexo feminino, 72 anos, cega

Sou idosa, tenho dificuldade de locomoção em função da idade e dos outros problemas de saúde. Fiquei cega devido a um problema na retina e glaucoma. Ainda estou me adaptando a esta realidade. No Programa estou tendo atendimento psicológico, faço artesanato e adoro os bailes mensais que lá são realizados. Gosto de conviver com todos do grupo, me sinto muito à vontade e acolhida pelos profissionais e amigos. No Programa me ocupo e aprendo coisas novas não dando espaço para depressão.

Participante 10 – Sexo masculino, 45 anos, baixa visão

Em virtude do glaucoma e outras associações, realizei 5 transplantes no olho, mas não tive sucesso e estou gradativamente ficando cego. Participar do grupo fez com que eu parasse de me sentir inferiorizado, pois vi pessoas passando pelos mesmos problemas e enfrentando com positividade e aceitação. Estou buscando me aprimorar aproveitando o resíduo visual que possuo, já aprendi o Braille, estou melhorando a minha performance no computador e recebo muito estímulo e positividade de todo grupo, o que tem me feito muito bem. Passei a tentar me adaptar da melhor maneira possível com esta minha nova realidade. E agradeço todos os dias por ter encontrado este grupo de apoio.

Este trabalho, além de outros que são desenvolvidos no Programa, vem reafirmar para a equipe que pessoas com necessidades educacionais especiais são tão capazes de aprender e adquirir novos conhecimentos quanto às demais.

Também ficou explícito que apesar dos obstáculos encontrados para a promoção das políticas de inclusão, é possível ainda superar expectativas. Porém, é necessário que esse processo (de inclusão) se torne mais abrangente, e que nossos representantes governamentais

não só demonstrem interesse em ampliar o atendimento educacional, mas, também, destinem maiores quantidades de verbas para a efetivação dessas políticas, pois somente dessa maneira, as instituições poderão estar munidas de recursos pedagógicos e de docentes com formação profissional adequada, capacitados de fato para oferecer uma educação de qualidade a todo e qualquer aluno, com necessidades educacionais especiais ou não, que ingressarem no sistema educacional.

Dos objetivos propostos ao grupo para 2019, pretende-se ainda, ampliar a capacidade de leitura e escrita com código Braille, iniciar técnicas de utilização do Soroban, explorar com mais afinco os recursos do sistema DOSVOX, oferecer vivências em transporte público urbano, orientação e mobilidade no comércio local, bancos e lotéricas. Além de incentivá-los a utilizar recursos de mídia como tablet e celular, assim como estimular a prática de atividade física para fortalecimento muscular, coordenação motora, equilíbrio e resistência, aumentar o condicionamento para uso da bengala.

Incluir exige uma ação em conjunto de todos os envolvidos no processo educacional, novas posturas e muita reflexão sobre a prática educativa, a fim de promover a aprendizagem de todos os envolvidos. Devendo-se reconhecer que as dificuldades e avanços dos alunos com necessidades educacionais especiais não dependerão somente deles, mas, principalmente da maneira que a educação e acesso ao conhecimento são transmitidos.

É essencial que a sociedade perceba que o cego apesar de não enxergar, possui capacidades, necessidades e oportunidades como qualquer outro indivíduo. O fator deficiência não pode ser considerado incapacidade para qualquer faixa etária e recursos, estímulos e possibilidades são mecanismos primordiais no trato de qualquer deficiência.

Considerações Finais

O movimento da inclusão social vem, desde a década de 80, defendendo, simultaneamente, os princípios de direito à igualdade e à diferença nos contextos sejam eles educacionais, sociais, atitudinais, entre outros, visando eliminar o preconceito, discriminação ainda latente na nossa sociedade e estereótipos produzidos no interior das instituições.

A inclusão deve desempenhar importante papel de transformação cultural em relação à deficiência, principalmente no que diz respeito à reflexão sobre os mitos e estereótipos atribuídos às pessoas cegas e de baixa visão nos diferentes momentos históricos.

O cego ainda é visto pela sociedade como um coitadinho, incapaz, e muitos não conseguem ver que a cegueira é um fator que limita em algumas circunstâncias as ações do sujeito, mas

não o impede de fazer absolutamente nada. Desde que lhe seja dada a oportunidade e o estímulo correto.

Entender o ser humano como um todo, dotado de capacidades e incapacidades dá a oportunidade de se entender que todos podem ou não conseguir ter êxito.

Infelizmente, ainda é muito pequeno o número de pessoas com deficiência visual que tem oportunidade e exerce papel de destaque. Quando isso ocorre, na maioria das vezes isto se deu porque a família teve que ir atrás dos seus direitos, fazendo com que os mesmos fossem cumpridos. Isto demonstra como ainda temos que avançar quando falamos de inclusão. Pois esta palavra em seu sentido amplo significa inserir o sujeito nos diversos setores, fazendo com que este seja capaz de adquirir autonomia, segurança e conhecimento para, apesar da deficiência levar uma vida plena e feliz.

As ações desenvolvidas pelo Programa Gente Eficiente fazem com que os deficientes que lá estão sejam envolvidos em diversas situações onde todos possam participar de acordo com seus limites e possibilidades.

Não fazia parte do quadro de alunos do Programa deficientes visuais, o que não foi nenhum impedimento para os profissionais que lá trabalham aceitassem o desafio e fossem em busca de estratégias para melhor atendê-los.

No que diz respeito ao relacionamento dos alunos com cegueira e demais deficientes do Programa, foi um processo construído na relação diária, buscando sempre através do diálogo amenizar qualquer obstáculo que surgisse. Hoje este contato se dá com muita tranquilidade e com espírito de grande colaboração de ambas as partes.

Os profissionais, antes de receberem os deficientes visuais foram preparados para utilizar ou adaptar satisfatoriamente, materiais que poderiam auxiliá-los. Buscando se familiarizar com a questão da cegueira, as dificuldades que esta traz e como pode-se ajudar e trabalhar com a pessoa que seja cego. A partir de algumas constatações os profissionais foram visitar um centro de deficiente visual existente na cidade, conversar com os alunos, seus familiares, além de se embasarem de textos e relatos técnicos para desenvolverem seu trabalho.

Os preconceitos devem ser derrubados, primeiramente pela sociedade e até mesmos pelos pais que muitas vezes escondem seus filhos achando que deixando eles em casa ou frequentando escolas especiais estará fazendo um bem a eles. Cabe a cada um de nós fazermos a nossa parte para permitir uma sociedade mais inclusiva.

Os profissionais do Programa Gente Eficiente acreditam na inclusão como ela deve ser realmente feita destacando sempre as potencialidades de cada indivíduo fazendo com que eles se sintam mais empoderados e respeitados, colaborando desta forma para que a sociedade se torne menos exclusiva e preconceituosa.

Este artigo apresentou as estratégias de trabalho utilizadas para o atendimento ao grupo

de 14 cegos a fim de ponderar as dificuldades encontradas pelo deficiente visual de interagir em sociedade.

Referências

- Baptista, José Antônio Lages Salgado. (2000). A invenção do Braille e a sua Importância na Vida dos Cegos. Lisboa: Comissão de Braille. Disponível em: <http://www.gesta.org>. Acesso em outubro de 2018.
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (2000). Deliberação CEE nº 05/00 – Conselho Estadual de Educação, fixa normas para a educação de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na educação básica do sistema estadual de ensino. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (2001). Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP.
- Brasil. (2006). MEC. A construção do conceito de número e o pré soraban. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília: Senado Federal.
- Brasil. (2015). Câmara dos Deputados. Lei Brasileira de Inclusão – LBI. Brasília: Senado Federal.
- Bruno, M. M. (1997). A deficiência visual: conceitos e definições. In: BRUNO, M. M. Deficiência visual: reflexão sobre a prática pedagógica. São Paulo: Laramara.
- Declaração de Salamanca. (1996). Sobre princípios, política e Prática em Educação Especial – Procedimentos – Padrões das Nações Unidas para a equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A /RES / 48/96, Resoluções das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral. Disponível em www.regra.net/
- LDB. (1996). A Nova Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diário Oficial da República Federativa do Brasil de 23 de dezembro de 1996.
- Resende, Prefeitura Municipal de. (2015). Plano Municipal de Educação. Resende – Rio de Janeiro
- Resende, Prefeitura Municipal (2016). Programa Gente Eficiente: Regimento Interno, Prefeitura Municipal de Resende – Rio de Janeiro.
- Rocha, Hilton e Gonçalves, Elisabeth Ribeiro. (1987). Ensaio sobre a problemática da cegueira. Belo Horizonte: Fundação Hilton Rocha.
- Souza, P. (2001). LDB e Educação Superior: estrutura e funcionamento. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Sites consultados

Disponível em: <http://www.braille.com.br/historialouisbraille.htm>, acessado em outubro de 2018.

Disponível em <blog.brasilacademico.com>. Acessado em outubro de 2018.

Disponível em www.laratec.org.br. Acessado em outubro de 2018.